



Chrys Chrystello*

Os médicos também morrem

Em agosto faleceu (de doença prolongada, eufemismo para cancro) o Dr. Carlos Pavão, diretor de pneumologia do HDES que era médico da minha mulher até ao fim dos dias dela. Tinha falado com ele poucos meses antes sem suspeitar de nada, pelo que confrontado com a sua morte cheguei ao título desta crónica.

Claro que também morrem até porque a indústria farmacêutica, entre outras, não tem interesse económico em resolver a doença.

O cancro (qualquer que seja) dá de comer a muita gente (radioterapia, quimioterapia, medicamentos diversos e onerosos, equipamentos de tratamento sofisticados e caros) e sendo a galinha dos ovos de ouro que é, convém não mexer.

Claro que houve melhorias, cancro já não é sinónimo de morte, muitas pessoas escapam às suas garras (o meu, por exemplo, não está recidivo) pois os tratamentos resultam no seu afastamento temporário ou definitivo, mas sempre acompanhado de várias doses de medicamentos diversos.

Ciclicamente lemos notícias sobre a descoberta de um ou outro tratamento com sucesso na luta contra o cancro, mas raramente há seguimento dessa descoberta ou existe uma demora prolongada na sua utilização que os resultados nem se vêem.

Todos os cancros são causados por anomalias (mutações) no ADN das células do organismo. O organismo dispõe de defesas contra certas mutações, mas agentes externos – como produtos químicos cancerígenos presentes no fumo do tabaco, ou as radiações e determinadas infeções – podem suplantar essas defesas.

O Cancro do Intestino ou Cancro Colorretal (CCR) é um dos cinco cancros mais frequentes do Aparelho Digestivo a que designamos de Big Five e a principal causa de morte por cancro em Portugal.

Diz a coordenadora do RON (Registo Oncológico Nacional), Maria José Bento “A maior parte dos casos foi diagnosticada na faixa etária

entre os 60 e os 74 anos e os homens tiveram mais casos do que as mulheres. Cerca de 55% dos casos de cancro ocorreram nos homens”, referindo que, nos últimos quatro anos, o número tem aumentado, “com exceção do ano de 2020 em que houve um número menor de novos casos de cancro”. O aumento do número de casos de cancro em Portugal prende-se, principalmente, “com o envelhecimento da população”. “O aumento da esperança de vida faz com que haja uma porção maior de pessoas de idade mais velha que sobrevive e o cancro é, sobretudo, uma doença das pessoas mais velhas

Segundo os dados da Organização Mundial de Saúde, uma em cada cinco pessoas pode desenvolver cancro durante a vida. Em 2022, estima-se que tenham sido detetados 20 milhões de novos casos de cancro e que aproximadamente dez milhões de pessoas tenham morrido devido à doença.

Dados de 2018 revelam que os tipos de cancro que provocam mais mortes na Europa são: cancro do pulmão no sexo masculino (cerca de 267 316 mortes) cancro da mama no sexo feminino (cerca de 137 707 mortes).

Os recursos hospitalares de oncologia têm elevado custo e o número de doentes não para de aumentar: Entre 2001 e 2021, verificou-se um aumento de 15% (de 5.981 em 2001 para 6.863 em 2021) do número total de casos de cancro em adultos jovens. Esta subida, porém, resulta apenas de um aumento de 26% dos casos em mulheres, que passaram de cerca de 3.500 casos em 2001, para mais de 4.400 em 2021.

*Jornalista, Membro Honorário Vitalício nº 297713
MEEA-AJA (IFJ)



Pe. Rodrigo Lynce de Faria

A Beleza da natureza

Apreciar a natureza que nos circunda é uma experiência que nos transforma a partir de dentro. Quando nos encontramos diante da imensidão de uma montanha, do horizonte sem fim do oceano ou da complexidade de uma floresta, sentimos um misto de admiração e humildade.

A grandeza e a beleza da natureza fazem-nos perceber a nossa própria pequenez no Universo, enquanto a sua complexidade desperta-nos assombro e reflexão.

A natureza é bela porque é simultaneamente ordenada e surpreendente. Existe uma harmonia intrínseca no modo como os ecossistemas funcionam, na precisão das leis da física ou na regularidade das estações do ano. Essa ordem reflete uma inteligência superior, uma mão criadora que organiza cada elemento de forma precisa e coerente.

No entanto, a natureza também nos surpreende com a sua espontaneidade: a formação inesperada de uma tempestade, o voo errático de uma águia ou o desabrochar inesperado de uma esplêndida flor

num terreno completamente adverso.

Essa combinação entre ordem e surpresa aponta para duas qualidades fundamentais da natureza que nos circula e envolve: inteligência e liberdade.

A ordem manifesta a inteligência do Criador, a precisão de um plano meticuloso que sustenta a vida e o cosmos. Já o carácter surpreendente da natureza revela a sua liberdade, um elemento que transcende qualquer previsibilidade e convida à admiração e contemplação.

Ao apreciarmos a natureza, somos chamados a reconhecer tanto a sua estrutura organizada quanto a sua capacidade de nos maravilhar. Esse equilíbrio ensina-nos a olhar para o mundo com um coração aberto e uma mente curiosa.

Sentirmo-nos pequenos diante da natureza é, paradoxalmente, uma forma de nos conectarmos à sua grandeza e de nos maravilharmos com a inteligência e a liberdade que estão presentes em toda a criação.